

# A condição de pai de uma família numerosa deu-lhe a visão e a persistência para entender o mundo e a crise em que mergulhou. Leopoldo Abadia vai lançar em Portugal o seu mais recente livro: *O Que Faz Uma Pessoa como Você numa Crise como Esta?*

ENTREVISTA LEONOR MOREIRA

**Os seus vizinhos lêem-no?**

Pelo menos dizem que lêem. E riem-se muito e dizem que não dizem metade das coisas que eu digo que eles dizem.

**Os seus livros mudaram de alguma forma a vida dos seus vizinhos?**

Não sei dizer porque eles também nunca me disseram. Fico contente por saber que a alguns ajudaram, isso de vez em quando dizem-me. Mas daí a mudar-lhes a vida...

**Que computador é o seu [o êxito de Abadia começou com o envio de um texto sobre a crise para o e-mail de um amigo, que logo se espalhou na rede mundial]?**

É um PC, um Toshiba.

**Pratica aquilo de que fala nos seus livros?**

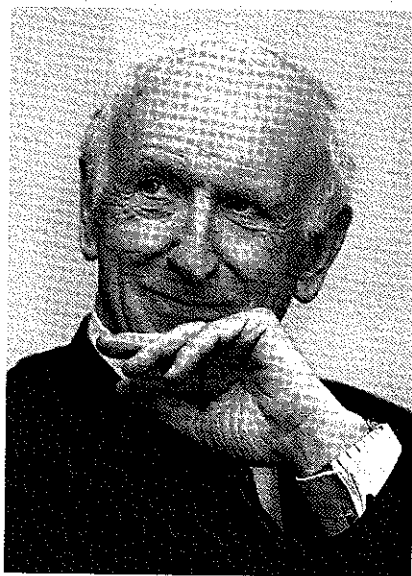
Sim. As negociações com entidades financeiras têm de partir desse princípio. Só subscrevo aquilo que entendo. Se não entendo pergunto, se me explicam e eu entendo, OK, temos negócio, senão, não.

**Diria que a culpa desta crise é dos americanos e do seu peculiar way of life?**

Diria que começou com os americanos e que atingiu todos os outros. Eles começaram a emprestar dinheiro a pessoas que não tinham a menor condição de realizar as hipotecas [os NINJA – No Incom No Job no Asset – nem rendimento nem trabalho nem bens]. Claro que o negócio lhes correu bem e precisaram eles mesmos de se financiar e começaram a titular essas hipotecas, a criar pacotes com produtos bons, produtos mais ou menos e produtos maus – a que chamo porcaria – e a colocá-los como garantia para os empréstimos pedidos aos outros bancos. Com isso espalharam a porcaria pelo mundo todo.

**Os bancos são os maus da fita ou fomos nós que lhes demos um poder que não têm dimensão ética para exercer?**

Todos somos culpados, mas uns mais do que outros. Demos-lhes um poder que não podia ser manejado com falta de ética. Para mim, o menos importante desta crise é



o seu lado económico, o mais importante é o ético. Prefiro utilizar a palavra decência, porque quando uso ética vêm-me com perguntas tipo «mas fala de uma ética calvinista ou católica»? Eu não vou por aí, é simplesmente decência.

**«ESTA CRISE É MUITO GRAVE»**

**Isso melhora ou piora a situação?**

Esta crise é de uma complexidade enorme e de uma gravidade muito grande. Porque reside em algo interno. Não se ultrapassa esta crise com medidas técnicas de economia, é preciso «consertar» também o interior das pessoas. É bem mais difícil.

**Afirma que no processo de prestação de contas à Europa alguns países mentiram. Foi só a Grécia que mentiu ou haverá mais?**

A Grécia disse-o publicamente. O que me parece é que todos os países farão os seus arranjinhos. E isto só parece evidente nos chamados PIGS [Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha], onde o assunto da dívida é muito, muito sério. Conto isto no livro: no ano passado, a 4 de Maio, um amigo mostrou-me um artigo do *New York Times* onde aparecia um quadro com a dívida dos países. A da Grécia era em torno de 231 mil

milhões de dólares, a Espanha um bilião e Portugal algo como 286 mil milhões. Espanha estava duplamente mal porque um terço da dívida de Portugal é a Espanha....

**Ou seja, além de pessoas NINJA também há países NINJA?**

Obama e Angela Merkl devem ter recebido esse artigo do NYT ao mesmo tempo que eu porque lembro-me que a 11 de Maio, o nosso primeiro-ministro, Zapatero, foi falar com Obama de manhã, o vice-primeiro-ministro chinês foi chamado à noite e eu suspeito que Merkl foi lá à hora de almoço. No dia seguinte Zapatero comunicou ao país que «decidimos fazer reformas sérias, tomar medidas fortes» e eu comigo: «Decidiste não! Decidiram-te.» A verdade é que estamos muito mal. Há dias falei com um presidente de uma grande empresa e ele queixava-se de que nós, os espanhóis, ainda não nos demos conta de que estamos mais pobres. Eu discordo, nós não éramos ricos, nunca fomos ricos, éramos falsamente ricos. Quando essa torneira do crédito se fechou desapareceu essa parte artificial da riqueza. Por isso insisto que esta é uma crise muito grande.

**Tem que Espanha seja o próximo país a ser intervencionado pela troika?**

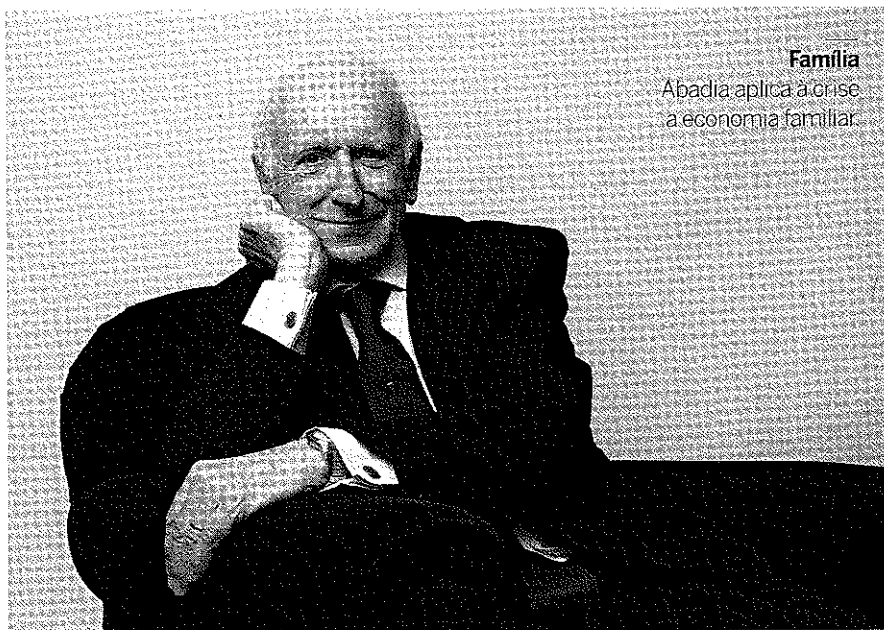
Espanha já está intervencionada. Não formalmente mas é claro que todos os ajustes, todas as reformas dolorosas que nos impõe o governo estão a ser comandadas pela Europa. Não acredito que tenhamos um resgate como o que ocorreu na Grécia, na Irlanda, ou em Portugal, mas de certeza que fomos muito apertados.

**REVOLUÇÃO CIVIL**

**Fala num conceito de «revolução civil».**

Temos a agitação social que vemos por aí. Os políticos estão a fazer política mal; o sistema financeiro está a agir mal; os sindicatos estão mal. Então, temos de parar e dizer: «Não acredito. Está a mentir.»

E a isto que chamo revolução civil. Em Espanha há cinco milhões de desempregados. E há tranquilidade social. Atribuo »



**Família**  
Abadia aplica a crise  
à economia familiar.

» essa paz social a uma certa economia subterrânea e a uma rede de apoio familiar que funciona e ampara as pessoas. Veja-se o que aconteceu em tantas cidades do Magrebe e está a acontecer em cidades de Espanha. O pior é se este descontentamento se deixa instrumentalizar pela política.

Diz que se deve doar até doer. Este conceito é aplicável a um mundo em crise?

Precisamos de voltar a ter valores. Valores essenciais, válidos desde sempre. Querem convencer-nos a consumir, mas só temos de consumir o que temos de consumir, não aquilo para que nos dão crédito. Precisamos de recuperar os valores do trabalho, da honradez e da austeridade.

### **ECONOMIA DE FAMÍLIA**

Fala de dinheiro pouco limpo, que devia ser tolerado no fluxo normal da economia.

Todo o dinheiro deve ser branco. Num momento como este, o mais importante é que as pessoas arranjam trabalho e comida. Falo do exemplo de uma fila de quinhentas pessoas num centro de emprego. Se nessa fila um homem contratar mais dois e criarem um pequeno negócio que lhes permite ganhar dinheiro, isso representa três desempregados a menos.

Neste momento, o que interessa é trabalho e pão. Depois, vamos legalizar. A economia subterrânea, paralela, ainda nos vai garantindo paz. O que me parece é que continuamos a querer construir a casa pelo telhado.

Os seus conselhos são válidos no mundo ou aplicam-se apenas a Espanha?

São válidos no mundo inteiro. Como não sei nada de economia, tento entender as coisas a partir do que se passa com uma família. Tenho uma grande família e sempre vivemos em crise. Vou estendendo o conceito e sei, a partir daí, como deve funcionar um Estado. Se uma família ganha 100 e gasta 80, vive bem, ao seu nível, e ainda poupa, o que lhe permite de vez em quando fazer umas loucuras, como um jantar fora, ou um passeio mais alargado com os miúdos. Se ganha 100 e gasta 105, pode ser que entre um extra, um presente da avó ou dos sogros e isso ajuda a compor as coisas. Agora se ganha 100 e gasta 700 está a derrapar. Nesse caso alguém tem de parar e perguntar como gastamos menos ou como vamos ganhar mais. Os Estados fazem a mesma pergunta, e para terem mais sobem impostos. Se estamos endividados e os juros são cada vez maiores, temos de vender alguma coisa, um quadro ou um dos carros. Os Estados privatizam empresas para receber mais dinheiro. A economia mundial não é muito diferente da de uma família.

Filhos terá os mesmos 12 que tinha, e netos, ainda são 36?

É a parte da minha biografia que sempre tem de ser actualizada. Quando estou em alguma palestra espero que cheguem a essa parte: 12 filhos e x netos. Aí, avanço com o número novo. Neste momento, estamos à espera do 41 e do 42 [risos]. ■■

## As Ninja que não são tartarugas

Leopoldo Abadia tem 78 anos, é engenheiro têxtil de formação e vive na pacata aldeia catalã de San Quirico. Durante anos teve uma loja de alfaiataria em Saragoça, a casa Confiança, até que fechou o negócio e montou o IESE, uma escola de negócios hoje integrada na Universidade de Navarra, onde leccionou Política de Empresa durante 35 anos. Fundou também o grupo Sonnenfeld, de consultadoria e optimização de recursos de empresas, matéria em que é especialista após uma vida a congeminar a forma de esticar o orçamento de uma família muito numerosa. Em 2005, com 72 anos, criou um blogue e começou a elaborar um dicionário de termos económicos, que traduzia com comentários simples de homem normal. Não havia nenhum critério neste trabalho, simplesmente o exercício de procurar entender, mesmo, o que tal palavra ou frase queria dizer e explicá-la em termos de gente comum. Há três anos, Leopoldo Abadia estendeu o exercício, começou a tentar explicar a crise do *sub-prime* que estalava a partir da América e quando deu por si tinha escrito um artigo de seis páginas que mandou por e-mail a um amigo. O amigo mandou a mais uns quantos e, em pouco tempo, a tese da Crise Ninja estava espalhada na rede e o seu autor transformado no novo guru da economia. Leopoldo Abadia tem a sensatez de falar só do que sabe e o talento de o comunicar de uma forma que toda a gente entende.